



A ABDUÇÃO DE LUÍSA PORTO

Era um sábado ensolarado, as crianças brincavam pelas calçadas enquanto Luísa se preparava para ir à festa, que acontecia ao final da rua Santos, onde ela morava desde a infância. Vivia na casa 48 de um conjunto habitacional. Por todos era conhecida por ser uma mulher meiga, correta, trabalhadora e de bom gênio.

Na verdade, ninguém entendia o porquê de uma mulher, aos 37 anos, de tão bom caráter e religiosa, não se ter casado ainda. Talvez fosse por pena da mãe, dona Aurora, que vivia entevada em uma cama ou pelo fato de que Luísa não era lá muito atraente; alta, magra, morena, rosto penugento, levemente estrábica e de vestes simples.

Antes de sair de casa, pegou a bolsa e foi despedir-se de sua mãe, que estava, como sempre, na cama. Ao bater a porta da rua, dona Aurora percebeu que Luísa havia esquecido sua bolsa. Tentou gritar, mas já era tarde.

Luísa ia andando apressadamente pela rua, como se já estivesse atrasada para um encontro. Subitamente, os raios dourados do sol começaram a se misturar com outras cores, formando um arco-íris nebuloso. A rua, instantaneamente, tornou-se silenciosa e só era possível ouvir os passos de Luísa.

Dona Aurora começou a chorar. Era como se uma força interior agisse sobre ela, e levantou-se da cama, coisa que não fazia há anos. Saiu desequilibradamente pela rua, procurando por sua filha. Adiante, avistou-a dobrando a esquina e foi a última coisa que viu antes de desmaiar. Por trás das simples casinhas e tendas da feira, uma nave extraterrestre subiu, levando consigo Luísa. As coisas voltaram ao seu estado normal; barulho das crianças, carros... e dona Aurora deitada na cama. Luísa, nunca mais voltou.

Carolina Olinger
1999